



Escola Bíblica Dominical

LIÇÃO 16

Milagres de Jesusⁱ

Texto-base: Mt 8-9

Os escritores dos quatro Evangelhos seguiram um padrão até certo ponto cronológico no seu tratamento sobre Jesus, pelo menos no que concerne aos principais eventos da sua vida: seu batismo pelas mãos de João Batista antecedeu seu ministério público; sua pregação, milagres e asserções provocaram crescente oposição; sua vida teve como clímax sua morte e ressurreição. Mesmo assim, ao se comparar os quatro Evangelhos, fica imediatamente evidente que os relatos são muitas vezes específicos na sua ordem de colocação.

Isso significa que se prestarmos bastante atenção em como vários relatos sobre Jesus estão ligados num dos evangelhos, mesmo quando os mesmos relatos são registrados numa sequência diferente num dos outros evangelhos, podemos às vezes obter perspectivas valiosas sobre temas e tópicos específicos sendo enfatizados em cada um deles. Nenhum dos evangelhos, e muito menos o de Mateus, é o resultado de uma mistura aleatória de relatos incoerentes. Existe sempre um padrão, tópico ou cronológico - e muitas vezes vários padrões habilidosamente entrelaçados podem ser detectados ao mesmo tempo.

Assim é neste caso (Mateus 8 a 10). O sermão do monte (Mateus 5 a 7) terminou com as multidões maravilhadas pela autoridade de Jesus (Mateus 7.28,29). Ora, Mateus oferece em seguida um número de relatos nos quais várias facetas da autoridade de Jesus foram demonstradas (capítulos 8-9), e essas facetas têm seu clímax com Jesus delegando parte da Sua autoridade (10:1) aos doze discípulos, que foram então enviados numa missão de treinamento (10:5-42).

Grande parte da demonstração da autoridade de Jesus vem na forma de relatos dos seus milagres. Mas esses não são empilhados um sobre o outro para comunicar um ponto e nada mais - pelo contrário, cada relato, à medida que enfatiza a autoridade de Jesus, oferece importante perspectiva dentro da natureza da Pessoa, das exigências, e do ministério de Jesus.

No primeiro milagre relatado nesta seção (Mt 8.1-4; cf. tb Mc 1.40-45), Jesus curou um homem com uma doença de pele (o que a Bíblia chama de lepra) - uma doença que não apenas fazia da pessoa alguém rejeitado, mas que muitas vezes servia de símbolo da força obstinada do pecado. A lei de Moisés proibia qualquer pessoa de tocar um leproso (cf. Lv 13-14); mas quando Jesus quebrou formalmente esta lei (8:3), longe de tornar-se ele mesmo impuro, ele fez o impuro ficar puro. A palavra e o toque de Jesus (8.15; 9.20,21,29; 14.36) são eficazes, sugerindo que sua mensagem e também sua pessoa estão investidas de autoridade. Num certo sentido, portanto, Jesus demonstrou seu poder sobre a lei.

O silêncio de Jesus aqui ordenado e em outros lugares em Mateus (8:4; 9:30; 12:16; 17:9) foi provavelmente motivado pelo desejo constante de Jesus de não se apresentar como um mero operador de maravilhas que pode ser pressionado ao messiado pelas multidões, cujas percepções messiânicas são materialistas e políticas. A autoridade de Jesus deriva-se só de Deus, não da aclamação dos homens; ele veio para morrer, não para derrotar os romanos. Ou seja, operadores de maravilhas atraem multidões - mas nem sempre produzem arrependimento e fé.

Todavia, o ponto mais forte do relato é a insistência de Jesus de que o homem curado devesse seguir as prescrições da lei para leprosos que reivindicavam estar curados por irem à Jerusalém e se mostrarem a um sacerdote (8:4; ver também Levítico, capítulo 14), e oferecer o sacrifício estipulado. Tudo isto, Jesus disse, era “para lhes servir de testemunho”.

Isso é profundamente esclarecedor. Por um lado, Jesus transcendeu a proibição da lei contra tocar leprosos, mas não podia ser acusado porque Seu toque destruiu a evidência; e por outro lado, Ele seguiu de forma minuciosa a lei de Moisés nos seus estatutos sobre cura de leprosos, sabendo que o sacerdote teria que declarar o antigo leproso curado - e este julgamento refletiria sobre o poder e autoridade de Jesus.

Em ambos os casos, a lei apontava para Jesus e para o evangelho. No primeiro caso, as distinções entre puro e impuro deixavam claro quão importante a “pureza” é para Deus e previa a iniciativa decisiva de Deus em tornar o impuro puro. No segundo caso, a obediência à lei de Moisés deu oportunidade para a lei confirmar a autoridade de Jesus como operador de curas, que precisava apenas desejar a boa ação para que ela fosse feita. Assim, a função suprema da oferta ordenada por Moisés não é como a oferta de culpa (Lv 41.10-18), mas como testemunho para os homens concernente a Jesus.

O próximo milagre relatado por Mateus, a cura do servo do centurião (8.5-13), enfatiza novamente a autoridade de Jesus - e desta vez, ele curou à distância, apenas pela palavra, sem tocar. Contudo, em adição, existem dois outros temas que emergem

de maneira um tanto forte desses versículos, temas que Mateus fez como centrais no seu Evangelho.

O primeiro tema é a fé. Jesus ficou realmente maravilhado com a fé do centurião. Aquela fé se apresentou fortemente na razão em que o soldado disse a Jesus para não se importar em ir à sua casa, mas apenas dizer uma palavra de cura. O soldado fez sua razão clara por meio de uma analogia. Devido à natureza hierárquica do exército romano, quando o centurião dava uma ordem esta não era meramente a vontade de um homem sendo imposta sobre outro homem. Longe disso. Precisamente pelo fato do centurião ser parte de uma grande estrutura de autoridade, quando ele falava Roma falava. O soldado que desobedecesse às ordens de um centurião estaria desobedecendo ao imperador, à própria Roma, com toda sua majestade e poder imperiais. E era por esta razão que o centurião precisava apenas dizer, “Faça isso” - e era feito.

Aplicando essa analogia a Jesus, o centurião estava dizendo de fato que ele via em Jesus alguém colocado num relacionamento de autoridade semelhante - contudo com Deus, não com Roma. Quando Jesus falava, portanto, Deus falava; desafiar a Jesus era desafiar a Deus. Devido isso ser assim, Jesus precisava apenas dizer a palavra para a cura ocorrer. Tal fé compreensiva e à distancia é coisa rara nos Evangelhos. Entretanto, a importância da fé é enfatizada por Mateus, e reaparece um pouco mais tarde em outro gentio (15.21-28). A grandiosidade da fé do centurião não repousava no mero fato de que acreditava que Jesus poderia curar à distância, como pode parecer a uma leitura apressada da passagem, mas no grau que ele penetrou no segredo da autoridade de Jesus. E essa fé era ainda mais surpreendente pelo fato de que o centurião era gentio e não teve acesso à herança da revelação do Antigo Testamento para ajuda-lo a entender Jesus. Esse gentio parece ter penetrado mais profundamente na natureza da pessoa e da autoridade de Jesus que qualquer judeu de sua época.

Isso nos traz ao segundo tema: os gentios recebem aqui as boas-vindas dentro da comunidade messiânica. Um dia eles se assentarão naquele grande banquete messiânico, junto com os patriarcas judaicos - Abraão, Isaque, e Jacó (8.11). Tristemente, alguns que pela raça esperaram um caminho mais privilegiado se verão excluídos. Mateus já enfatizara antes o tema dos gentios, e agora mais uma vez ele relata como o caminho foi preparado para a Grande Comissão. Após o Pentecoste, outro centurião chegaria à fé, e sua conversão forçaria a Igreja a reconhecer esta verdade: “Assim, pois, Deus concedeu também aos gentios o arrependimento para a vida” (Atos 11.18).

Outros milagres nesses capítulos transmitem mais do que somente milagres. Ao acalmar a tempestade (8.23-27), Jesus demonstrou não somente seu poder sobre a natureza, mas voltou novamente ao tema da fé (8.25,26). Sua reprovação não refletiu

uma ingenuidade espiritual – como se nenhum dos seguidores de Jesus pudessem jamais se afogar numa tempestade. Foi a manifestação de incredulidade no medo deles que fez com que recebessem a dura crítica. Há cinco ocorrências da palavra grega *oligopistoi* (“homens de pequena fé”) no Novo Testamento (Mt 6.30; 8.26; 14.31; 16.8; Lc 12.28), e sempre ela é aplicada em relação aos discípulos: a falta de fé entre aqueles para os quais a fé deve ser central é especialmente decepcionante... No mínimo os discípulos deveriam ter se entregue ao Pai Celestial em confiança amorosa - especialmente depois de terem ouvido o Sermão do Monte (mais especificamente 6.25-34)! Entretanto uma fé que fosse realmente perceptiva deveria também ter reconhecido que, como colocou o autor de um hino, “nenhuma água pode engolir o barco onde encontra-se o Mestre do oceano, da terra, e dos céus...”!

Explicando melhor: o fato de que os discípulos clamaram a Jesus por ajuda revela que eles acreditavam que ele pudesse fazer alguma coisa. Eles falharam em perceber que alguém levantado tão obviamente por Deus para realizar a obra messiânica não poderia numa tempestade enquanto o trabalho não tivesse sido feito. A falta de fé deles, desse modo, não era tanto em sua habilidade para os salvar, mas em Jesus como Messias, cuja vida não podia ser perdida em uma tempestade, como se os elementos estivessem fora de controle, e Jesus mesmo estivesse à mercê do acaso. Assim, o sono de Jesus não tem origem apenas em sua exaustão física, mas em sua confiança de que, para usar a linguagem do evangelho de João, sua hora ainda não chegara.

É por isso que a passagem termina desta maneira – com um foco de admiração sobre o “tipo de homem” que Jesus é (8.27). Além disso, para o leitor que reflete sobre a justaposição das fraquezas humanas e da autoridade divina na pessoa de Jesus, o relato é profundo: enquanto Jesus é tentado mas reprova satanás (4.1-11), enquanto ele é chamado de maligno mas expulsa demônios (12.22-32), assim também ele dorme de cansaço mas acalma a natureza.

Na cura dos dois homens possuídos pelo demônio (8.28-34; todos os sinóticos põem esse evento depois do aportamento do barco, depois da tempestade ser acalmada), nós percebemos a autoridade de Jesus sobre os espíritos malignos. Reconhecido pelo mundo espiritual (8.29), dirigiram-se a Jesus de tal forma que nós somos outra vez lembrados de que ele é o supremo Juiz. As palavras “vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?” relembram 7:21-23.

Entrementes, o relato também mostra que o povo na região preferia os porcos ao invés de ver esses homens libertos, preferia suínos ao Salvador. Esse povo era gentio, julgando pela região e pela presença de porcos - nenhum judeu os criaria! Assim como ser um judeu não garante um lugar no reino messiânico (3.9; 8.11,12), ser um gentio também não garante. O que conta é a resposta de fé obediente a Jesus, o Messias.

O relato da cura do parálitico (9.1-8) torna explícito o tema da autoridade de Jesus. As multidões adoravam a Deus que deu tal autoridade aos homens (9.8). Entretanto mais uma vez a nova riqueza de significação é introduzida; pois Jesus insistiu que Ele tem autoridade não apenas para curar como também para perdoar pecados - uma prerrogativa somente de Deus (9.2,5,6).

Esta mesma ênfase está relacionada com capítulo 8.14-17, onde Jesus, após curar a sogra de Pedro, curou e exorcizou muitas pessoas aflitas. Mateus concluiu que isso foi feito para cumprir a profecia de Isaías 53:4. O Servo Sofredor, Isaías disse, “tomou sobre si as nossas enfermidades, e levou as nossas doenças” (8.17). Outras partes do Novo Testamento deixam claro que a maneira que Jesus como o Servo Sofredor tomou sobre si nossas enfermidades e doenças foi pela sua morte na cruz (ver At 8.32,33; 1 Pe 2.24). Portanto por que deveria Mateus dizer que os milagres de cura de Jesus, e não a sua morte, cumpriram a profecia de Isaías?

A questão pode ser respondida se nós lembrarmos de três coisas. Primeiro, as escrituras em todos os lugares pressupõem uma forte conexão entre o pecado e a doença. Isto não quer dizer que toda doença é o resultado direto de um pecado específico (veja João 9.2,3), embora algumas doenças possam ser (veja João 5.14). Todavia, isso significa que toda doença provém da nossa queda. Se nós nunca tivéssemos nos rebelado contra Deus, não haveria nenhuma doença ou morte. É por isso que no novo céu e na nova terra, onde não mais haverá pecado, a doença e a morte serão abolidas (veja Apocalipse 21.4,27; 22.3).

Segundo, o meio fundamental que Deus oferece graciosamente para remover nosso pecado é a morte sacrificial e a ressurreição triunfante de Jesus; e, portanto, os meios fundamentais que Deus providenciou para remover nossa doença são a morte sacrificial e a ressurreição triunfante de Jesus. Na verdade, toda bênção que nos vem está de alguma forma relacionada com a obra de Jesus Cristo na cruz; pois sem esse sacrifício que Deus providenciou a nosso favor, a justiça de Deus teria requerido que nossa raça rebelde fosse exterminada.

Portanto, é bastante correto dizer, por exemplo, que existe cura na expiação de Cristo - um dito em vários círculos de crentes. Todavia, no mesmo sentido, existe também um corpo ressurreto e um novo céu e uma nova terra envolvidos na expiação. Todos esses benefícios foram conseguidos para os crentes pela expiação. Isso não quer dizer que eu posso esperar reivindicar agora a ressurreição do meu corpo, simplesmente porque ela já foi paga. Embora conseguidos pela crucificação e ressurreição de Cristo, nossos corpos ressurretos nos virão somente quando Cristo voltar, segundo o Novo Testamento. E o mesmo, em muitos casos, pode ser verdadeiro, quanto à cura. Deus pode outorgar cura agora, porém Ele certamente não se comprometeu fazê-lo. No entanto, um dia todos os verdadeiros crentes serão completamente curados.

Terceiro, isso significa que se os milagres de cura de Jesus durante os dias do seu ministério devem ser vistos como um cumprimento de Isaías, capítulo 53, é porque o ministério de cura era em si mesmo uma função da morte e da ressurreição que se seguiria. Se as curas de Jesus não fossem seguidas pela sua morte sacrificial e seu levantamento vitorioso dos mortos, elas teriam sido meras demonstrações de poder; mas elas não teriam tratado do nosso pecado e da nossa rebelião - o problema fundamental, a base suprema de toda doença.

Então, mesmo os milagres de cura de Jesus apontam para a verdade registrada logo no primeiro capítulo de Mateus. Jesus veio para salvar o seu povo dos seus pecados (1.21). E a mesma forte conexão, como visto, existe por trás da cura do paralítico (9.1-8).

Os milagres revelam as múltiplas facetas da autoridade de Jesus. Existe poder na sua própria pessoa para aquele que, crendo, o busca (9.20-22). Ele pode até mesmo levantar os mortos (9.18,19,23-26) - uma prelibação da ressurreição final. Mas, infelizmente, as demonstrações mais surpreendentes de autoridade criaram animosidade em algumas pessoas, que pressagiaram o conflito iminente.

Reflexão final: os sinais no evangelho de João

Embora a presente lição tenha levado em consideração os milagres descritos nos capítulos 8 a 10 do evangelho de Mateus, deve ser lembrado que há vários outros milagres espalhados no restante desse evangelho e também descritos nos outros três evangelhos. Como visto na lição 05, por exemplo, em seu evangelho João parte da declaração da encarnação para uma narrativa de sete sinais e múltiplos discursos interativos para destacar a singularidade de Jesus. Os sinais são: transformação de água em vinho (2.1-12); cura do filho de um oficial (4.43-54); cura no sábado (5.1-18); alimentação dos cinco mil (6.1-15); Jesus anda sobre as águas (6.16-21); cura de um cego (9.1-41); e a ressurreição de Lázaro (11.1-54).

A função dos sinais é crucial nesse evangelho. Eles dominam os primeiros dois terços do evangelho. A resposta a eles vai da rejeição (12.37-40) à abertura (9.25). Notavelmente, de forma distinta dos sinóticos, não há nenhuma expulsão de demônios em João. Ele focaliza os atos de cura, restauração e provisão. O que esses sinais destacam acima de tudo é a superioridade de Jesus sobre as instituições judaicas e suas lideranças (1.17; 2.19-21; 7.37-39; 9.28-41; 10.1-18). A maioria dos milagres acontece em ambientes de celebrações judaicas e destacam como Jesus provê o que as festas celebram. No final do evangelho, bênção vem para aqueles que têm fé sem a necessidade de sinais (20.29).

As complexidades que reúnem eleição, fé e as funções dos sinais no evangelho de João merecem reflexão. João declara que homens e mulheres são responsáveis pelo crer; bem como são moralmente condenáveis pelo não crer. Se a fé brota em consequência do que é revelado nos “sinais”, muito bem: eles legitimamente servem de base para a fé (e.g. 10.38). Por outro lado, as pessoas são veementemente criticadas por sua dependência aos sinais (4.48). A melhor fé é aquela que escuta e crê, não aquela que vê e crê (20.29). Mas, em última instância, a fé se torna em eleição soberana do Filho (15.16), em ser parte da dádiva do Pai ao Filho (6.37-44). E isso, devemos insistir, pulsa todo o tempo no coração do livro de João, que é insistentemente evangelístico. A vontade de Deus nunca é violada, mesmo na dureza do coração humano (12.37ss.), nunca há o menor traço de falta de determinação ou de fatalismo, mas sempre está presente um estímulo para se crer no “Salvador do mundo” (4.42).

ⁱ Esta lição é baseada nos livros: **O comentário de Mateus** e **O comentário de João**, de D. A. Carson (Shedd Publicações); **Deus conosco**, de D. A. Carson (Editora PES); e **Jesus segundo as Escrituras**, de Darrell L. Bock (Shedd Publicações).